

O segundo investimento de Lima no mundo dos vinhos portugueses

SMITH LIMA ADQUIRE EMBLEMÁTICA QUINTA DA BOAVISTA

Covela sobe o rio com nova aquisição na Região Demarcada do Douro. Depois da primeira investida na Quinta de Covela, Marcelo Lima e Tony Smith direcionam as atenções para a Região Demarcada do Douro e compram a Quinta da Boavista, propriedade lendária associada para sempre ao nome do Barão de Forrester, mapeador histórico da região demarcada. Objetivo desta segunda aposta da dupla de investidores em Portugal: ampliar o portfólio de vinhos de elevada qualidade.

"A Quinta de Covela tem vocação para fazer vinhos de excelente qualidade, mas queríamos uma quinta que complementasse este projeto na produção de vinhos tintos de topo. Procuramos no Douro durante dois anos, vimos 18 propriedades e a escolha recaiu na Quinta da Boavista pelo seu potencial para produzir vinhos tintos de grande qualidade, pela sua excelente localização e pela singularidade histórica", realça o empresário brasileiro Marcelo Lima. É já o segundo investimento de Lima no mundo dos vinhos portugueses. Há dois anos, em parceria com o britânico Tony Smith, fundou a empresa Smith Lima que adquiriu – e entretanto recuperou - a Quinta de Covela.

A escritura de aquisição da Quinta da Boavista à Sogrape Vinhos foi assinada esta semana, dia 25 de junho.

Localizada perto do Pinhão, na margem direita do Douro e dona de uma vista única sobre o rio, a Quinta da Boavista é uma das propriedades mais icónicas da região demarcada, conhecida não só pela sua ligação histórica ao Barão de Forrester, mas também pelos seus quase 40 hectares de vinhas de qualidade. Viradas a sul, as vinhas espalham-se por um deslumbrante cenário geométrico de socalcos construídos à mão no xisto típico da região. Alguns terraços chegam a atingir seis metros de altura, facto que, aliado com as condições extremas, a inclinação dramática e o clima, se une para proporcionar um terroir único. A quinta está muito bem preservada, mantida com rigor e é um ex-libris da beleza natural do Douro.

"Além dos terraços em xisto, dos mais altos do Douro, a quinta tem 9 hectares de vinhas velhas, centenárias – tudo isto nos impressionou. Acreditamos que vamos produzir vinhos de altíssima qualidade", afirma Marcelo Lima.

A Quinta da Boavista fez parte da primeira delimitação da região do Douro levada a cabo pelo Marquês de Pombal, em 1757. Na sua casa pernoitava o Barão Forrester, uma das personagens mais importantes da história do Douro e do Vinho do Porto. É uma propriedade de excelência, um tesouro entre o universo vitivinícola duriense. Dos 40ha de vinha, 30,5ha têm benefício de letra A (a melhor designação para a produção de vinhos do Porto), área em que estão plantadas as tradicionais castas do Douro: Touriga Nacional, Touriga Franca, Tinta Barroca, Tinta Roriz, Tinto Cão, entre outras.

Lima e Smith ponderam que vinhos produzir com as marcas Boa Vista e Quinta da Boavista e eventualmente outras. "Estamos recetivos, mas ainda vamos analisar, avaliar e depois tomar a decisão sobre as futuras marcas", afirma Lima. "O que temos certeza é que é uma grande propriedade, com um enorme potencial, muito emblemática, e capaz de produzir grandes vinhos, tintos e eventualmente Vinho do Porto". A propriedade pode produzir 100 pipas de benefício (autorização para a produção de Vinho do Porto).

Este ano, a Quinta da Boavista terá pelo menos "um lote experimental" de vinhos. Ao mesmo tempo, os proprietários vão desenhar uma nova adega para esta quinta histórica.

Complemento à Quinta de Covela

Segundo Smith, este investimento é "um complemento à Quinta de Covela", que tem 34 hectares de agricultura biológica, e é situada também na margem direita do Douro, em São Tomé de Covelas, Baião, na Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Foi adquirida em 2011, num investimento de 3 milhões de euros. Os primeiros novos vinhos Covela foram lançados este ano, permitindo a rentrée da marca nos mercados nacional e internacional. Com viés natural para a internacionalização, a dupla de empresários ambiciona aumentar a capacidade de exportação da empresa. Tendo a Covela capacidade para produzir 80 mil garrafas/ano, tornava-se imperativo expandir a produção, encontrando o local ideal, o que se concretiza agora com a compra da Boavista. Na altura da aquisição da Covela, a dupla manteve a equipa de trabalho. O mesmo acontece para os atuais trabalhadores da Quinta da Boavista que se vão manter.

E, afinal, o que motiva o brasileiro Marcelo Lima e o inglês Tony Smith a investirem no Douro? Além da paixão pelos vinhos e por Portugal, a dupla de enófilos acredita na excelência da região demarcada e regulamentada mais antiga do mundo, com maior potencial para se transformar num destino de enoturismo internacional de elevado nível, e no Douro enquanto património a preservar. É também esta motivação que tem levado os dois investidores a recuperar toda a área da Quinta de Covela, que já pertenceu ao realizador Manoel de Oliveira e à sua esposa, Maria Isabel Brandão Carvalhais. Todas as casas, adegas e ruínas, dentro da quinta estão a ser reabilitadas, mantendo a traça original.

Notas biográficas sobre os investidores - Marcelo Lima é acionista do grupo brasileiro Artesia, com interesses em várias áreas, desde a refrigeração comercial (possui a Metalfrio, a segunda maior empresa do mundo do ramo) à moda (marcas Le Lis Blanc, Bo-Bô e John John) e à banca (C1 Bank na Florida, EUA), faturando, anualmente, cerca de USD 1,7 mil milhões.

- Tony Smith é jornalista, ex-correspondente da agência The Associated Press e do The New York Times e ex-diretor da Condé Nast International, com ligações a Portugal desde 1988. Trabalhou vários anos em Portugal como correspondente e editor e depois seguiu para o Brasil. Está à frente da Quinta da Covela desde 2011.